



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

TIBÉRIO MAX DE SOUSA LIMA

**AS MÚLTIPLAS FACES FEMININAS NO MUNDO DO TRABALHO DA FEIRA
CENTRAL DE CAMPINA GRANDE – PB**

CAMPINA GRANDE – PB

2018

TIBÉRIO MAX DE SOUSA LIMA

**AS MÚLTIPLAS FACES FEMININAS NO MUNDO DO TRABALHO DA FEIRA
CENTRAL DE CAMPINA GRANDE – PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para à obtenção da aprovação no curso de Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Me. Alberto Edvanildo Sobreira Coura.

CAMPINA GRANDE – PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732m Lima, Tiberio Max de Sousa.
As múltiplas faces femininas no mundo do trabalho da feira central de Campina Grande - PB [manuscrito] / Tiberio Max de Sousa Lima. - 2018.
22 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.
"Orientação : Prof. Me. Alberto Edvanildo Sobreira Costa ,
Coordenação do Curso de História - CH."
1. Patrimônio Cultural. 2. História Local. 3. Mulheres empreendedoras. I. Título

21. ed. CDD 363.69

TIBÉRIO DE MAX SOUSA LIMA

AS MÚLTIPLAS FACES FEMININAS NO MUNDO DO TRABALHO DA FEIRA
CENTRAL DE CAMPINA GRANDE – PB

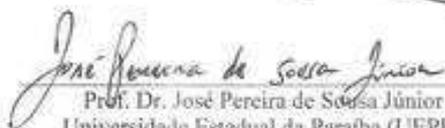
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de História da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito para a obtenção da aprovação
no curso de Licenciatura Plena em
História.

Aprovado em: 07/12/18.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Alberto Edvanildo Sobreira Coura (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Pereira de Sousa Júnior
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Matusalém Alves Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

CAMPINA GRANDE – PB

2018

Dedico esse trabalho, que tem sido não só parte minha, mas parte do esforço de duas pessoas que sempre estiveram ao meu lado e que, sem elas, essa caminhada não teria o menor sentido: a vocês, minha amada Esposa Marcia Maria Galdino Lima e a minha amada Filha Maria Clara Galdino Lima. Amo vocês incansavelmente.

AGRADECIMENTOS

É chegado o momento mais difícil desse artigo. Talvez, mais difícil do que as leituras feitas nos vários livros para finalizar esse trabalho e as citações de muitos autores que enriqueceram o mesmo. Aos que não foram mencionados, quero dizer que, vocês sempre estarão em minhas lembranças, pois de qualquer maneira estivemos juntos.

Inicialmente, agradeço aos meus pais já falecidos, pois sem eles, nem estaria aqui para começo de história. Mas tenho uma convicção, meus amados pais, José de Sousa Lima, conhecido como “José Tempero” e Honorina Ferreira de Lima, que sempre proporcionei a vocês mais orgulho do que frustrações durante essa minha caminhada, e isso, para mim, tem um significado. É o começo de muito trabalho daqui por diante, sempre levando comigo os seus ensinamentos.

Agradeço aos meus irmãos e irmãs que são muitos e eu precisaria de muitas páginas para poder citá-los. Apesar da distância de alguns, afirmo meu agradecimento a todos.

Agradeço aos irmãos e irmãs da minha esposa, que embora sejam meus cunhados, tenho por eles um apreço fraterno.

Preciso, agora, fazer um agradecimento especial, ao meu sogro, Zacarias Galdino (falecido) e minha sogra, Maria das Dores Barbosa Galdino, “Dona Liu”. Mãe é uma figura insubstituível, porém, desde que minha mãe faleceu, nunca vi uma pessoa tão sublime e tão sincera quanto dona Liu. Quando estou ao lado dela, sinto a presença da minha amada mãe Honorina, que Deus a tenha.

Agradeço também a uma turma muito especial que ainda posso chamar de gurizada, embora, estejam hoje já formados e exercendo seus trabalhos, João Arthur, José Lucas e Kaio Vinícius, este último, ainda considero um guri, mas que tem também um futuro brilhante.

Por fim, quero agradecer a todos os que eu considero meus amigos de verdade, e dentre tantos, tenho um agradecimento especial à pessoa de Marco Tulio Lima Duarte, meu sobrinho “Deto”. Professor, doutor em biologia, esse cara foi um que sempre me deu forças para retomar meus estudos, e ainda hoje compartilho com ele minhas conquistas no campo da educação.

Sempre buscarei a Deus, obrigado Senhor, eu te louvo e agradeço todos os dias da minha vida.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. A INVENÇÃO DE “ESPAÇOS DA MULHER”	10
3. APRESENTAÇÃO DA FEIRA COMO ESPAÇO DE ATUAÇÃO FEMININA.....	13
4. DA CASA PARA A FEIRA: MULHERES, MÃES, ESPOSAS E FEIRANTES	14
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
REFERÊNCIAS.....	20
ANEXO - Fotografias	201

AS MÚLTIPLAS FACES FEMININAS NO MUNDO DO TRABALHO DA FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE – PB

Tibério Max de Sousa Lima¹

RESUMO

Muito se tem falado acerca do lugar da mulher na sociedade, em razão do grande avanço de conquistas que vão sendo empreendidas por meio da luta feminina, seja no âmbito familiar, com a ressignificação da noção de deveres domésticos, de mantenedora, entre outros, seja no meio trabalhista, com a ainda corrente luta por equidade de direitos, tanto salariais quanto de respeito à ética profissional. Destarte, o presente trabalho problematiza a questão da construção imagética feminina e seus ofícios na teia composta por relações de poder em meio ao espaço da Feira Central de Campina Grande – PB, assim também, como se dá o desvelamento do discurso feminino em meio ao comércio e a influência deste discurso na formulação das culturas populares, a saber, de massas provenientes deste meio. Em “As múltiplas fases femininas no mundo do trabalho da Feira Central de Campina Grande – PB” as culturas são abordadas como comuns entre os indivíduos, e, apesar de carregarem representatividades diversas, são, em suma, um meio comum a homens e mulheres quando inseridos em uma malha específica de convívio, como é evocado na obra de Aquino, a ideia de formas globais de vida e de formas globais de luta, como noções propostas de um indivíduo sobre o outro, de forma a homogeneizar as mulheres para defini-las enquanto o “outro”, o corpo indesejado (ARAÚJO, 2006). Esse sentido é substituído pela noção, elaborada por Thompson, de que a relação entre os indivíduos é construída na percepção de classes pelo seu teor histórico, de semelhanças e distanciamentos (THOMPSON, 1987). O núcleo deste trabalho gira em torno da fonte oral, quando, da utilização de entrevistas proporcionadas por mulheres, partícipes do meio comercial da Feira Central, é realizado um estudo do discurso dessas mulheres, de como elas se percebem no contexto do espaço supracitado e de como sua representação feminina ativa se expressa, e, impregna significados diversos no meio familiar e social. Por meio deste estudo, é possível conhecer as formas como as mulheres comerciantes da Feira Central reconstróem cotidianamente suas imagens ante o pragmatismo inferido sobre elas e sua capacidade produtiva.

Palavras-Chave: Mulheres Empreendedoras. Patrimônio Cultural. História Local.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como finalidade realizar um estudo acerca das múltiplas faces femininas no mundo do trabalho da Feira Central de Campina Grande – PB. A Feira Central

¹ Aluno de Graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. E-mail: maxlimapb72@gmail.com.

de Grande – PB² traz em sua história uma contribuição relevante e oportuna para o público em geral bem como para diversos pesquisadores – historiadores, economistas, sociólogos, geógrafos e antropólogos. Apesar das transformações, devido à concorrência dos supermercados, lojas de conveniência e shopping centers, a feira continua a representar um espaço importante de troca mercantil, de sociabilidades e prática simbólicas.

Vários historiadores tratam de sua importância como um entreposto comercial nordestino de produtos agrícolas, gado e algodão. No entanto, poucos são os trabalhos que se dedicam a analisar as atividades comerciais desenvolvidas pelas mulheres que compõe aquele centro comercial.

Em seu livro, *Múltiplos Discursos sobre a Feira Central de Campina Grande*, Giovanna de Aquino Fonseca Araújo (2006), diz que é oportuna a definição da feira como “patrimônio cultural”, no sentido em que é um espaço social construído não só por monumentos, mas também, por valores, tradições, memórias, experiências, práticas de troca e sociabilidades, que são transmitidas de forma que tenham outra significação através das gerações, seja de feirantes ou de consumidores.

O conceito de cultura popular é permeado por múltiplas compreensões. Estudiosos contrários à cultura popular constituem-se como o oposto, ou seja, tudo que não se enquadra no erudito acadêmico e científico. Outros veem cultura popular como um conjunto de conhecimentos e práticas vivenciadas pelo povo, embora possam também ser vividos e instrumentalizados pelas elites, como o candomblé, o carnaval, a feijoada, o jogo do bicho e a capoeira. E há, ainda, aqueles que entendem por cultura popular, tudo o que é do saber do povo, de produção anônima e coletiva.

Nos estudos de Giovanna de Aquino Fonseca Araújo, acreditamos que a cultura popular se enquadra tal qual como foi supracitada, “Cultura Popular é tudo que é do saber do povo, de produção anônima e coletiva” (ARAÚJO, 2006, p.28), e essa cultura popular está enraizada nas atividades desenvolvidas por essas mulheres da Feira Central, assim, a cultura agrega dimensões diversificadas e plurais para o entendimento das chamadas “realidades humanas”, que são paulatinamente “transformadas pelo próprio homem” mediante seus “anseios, necessidades e objetivos” (ARAÚJO, 2006).

As múltiplas faces femininas que, nessa pesquisa, serão abordadas, exercem diversas fontes de trabalho. Algumas, em sua minoria, ocupam cargos de maior relevância comercial,

² “A Feira de Campina Grande na sua atual localização, tem sua origem no final dos anos 1930 para uma área de prostíbulos. Tal mudança é parte da reforma urbana ocorrida na cidade entre 1930-1945, caudatária dos chamados valores modernos e burgueses” (SOUSA, 2005).

como por exemplo, as proprietárias de estabelecimentos comerciais, devidamente legalizados na forma da lei. Em paralelo a isso, porém, ainda no âmbito dos negócios, veremos as mulheres que não possuem um poder aquisitivo e que negociam sem nenhum tipo de amparo legal, mas que, certamente, são mulheres empreendedoras.

É preciso considerar que aquilo que uma época ou sociedade considera digno de estudo poderá ser ou ter sido considerado irrelevante em outro momento histórico ou situação social. No século XIX, no campo da historiografia ocidental os estudos sobre a mulher nas várias épocas históricas eram tidos como irrelevantes. Mas, a partir da segunda metade do século XX, este tem sido precisamente um dos temas mais cortejados pelos historiadores do Ocidente. Sem dúvida, contribuíram para isto os movimentos feministas, a gradual inserção da mulher no mercado de trabalho, o reconhecimento acadêmico e político dessas mulheres que outrora buscaram seus direitos, entre outros tantos processos que se desenvolveram no decurso do século XX.

Foi especificamente sob o contexto destes processos mais amplos, que os silêncios historiográficos a respeito da mulher passaram a ser ciosamente preenchidos pelos historiadores das mais diversas tendências, e até com certa avidez, que buscavam como recompensar o tempo perdido pelas gerações anteriores. As próprias mulheres do século XX, por outro lado, passaram a partilhar também aquela função de historiador (a) que antes era exercida quase que exclusivamente pelos homens. De todos os lados surgiram obras sobre “A mulher na Idade Média”, “A mulher escrava no Brasil Colonial”, “A mulher na Revolução Francesa”, e também obras sobre personalidades históricas femininas. Na segunda década do século XX, começaram inclusive a ser publicadas, primeiro, na França e depois em outros países, obras panorâmicas sobre a história das mulheres, em vários volumes, abarcando épocas e sociedades diversas (BARROS, 2015).

Um estudo sobre as mulheres de certa sociedade, em determinado espaço e temporalidade pode ser justificado, antes de tudo, como um estudo que contribui para compreensão da mulher de maneira geral (BARROS, 2015).

Esta justificativa refere-se à necessidade da pesquisa em torno do trabalho das mulheres na Feira Central de Campina Grande – PB, tendo em vista que essa pesquisa leva em consideração as diversas formas de trabalho por elas desenvolvidas e que, de certa maneira, não tem seu devido reconhecimento perante a nossa sociedade.

A presente investigação tem por base as perspectivas qualitativa e quantitativa de análise. Portanto, foi através dessa perspectiva que a nossa pesquisa trouxe em seu desenvolvimento um fato de relevância para os leitores que buscam conhecer essas diversas

formas de trabalhos atribuídas às mulheres daquele centro comercial. Reconhecer, analisar e perceber que estas mulheres são na verdade grandes empreendedoras, tendo em vista que, em sua maioria, tenham que trabalhar na informalidade.

Este trabalho uma vez concluído poderá ser realizado dentro de núcleos de pesquisas, bem como funcionar de modo a integrar o ensino e técnicas de pesquisa à participação empírica de investigação e análise. Este projeto é mais um elemento a fomentar a integração entre ensino, pesquisa e extensão.

Destaca-se ainda que um conjunto de procedimentos que tem um lugar central neste estudo está relacionado à chamada História Oral. Conquanto esta metodologia implique em problemas particulares, explorados em extensa bibliografia, vimos nela à possibilidade de, através da observação e da interação entre pesquisador e sujeitos pesquisados, podemos ter acesso a informações e criar as condições necessárias para a compreensão do nosso objeto.

Esta forma de investigação, como é bem sabida, implica um trabalho de campo, em que ocorre um contato direto entre o pesquisador e as pessoas entrevistadas, evocando-se situações, locais, eventos e episódios do presente e do passado. Ela possibilita a criação de fontes para o estudo de indivíduos e grupos pertencentes a setores sobre cuja vida, muitas vezes, a documentação cartorial nada diz. O registro dos procedimentos e diálogos é como que um prolongamento desses contatos.

No trabalho de campo, além das entrevistas com feirantes e fregueses, utilizamos levantamentos fotográficos e cartográficos. Os roteiros das entrevistas foram elaborados com questões abertas que desencadearam relatos de história de vida, de forma que as respostas permitiam uma interpretação mais detalhada dos modos como foram – e são – vivenciadas, por esses atores, as transformações sociais, culturais e econômicas no interior da feira e das mulheres em estudo.

Nesse estudo foram entrevistadas cerca de seis (06) mulheres, todas situadas comercialmente na Feira Central, divididas entre feirantes, comerciantes (ditas proprietárias de estabelecimentos comerciais) e fregueses – que não quiseram se identificar, cabendo ao pesquisador, atribuir a elas apenas as iniciais de seus nomes. Assim, durante a pesquisa realizada, os nomes verdadeiros foram mantidos, já que se trata de inventário.

Portanto, o presente estudo abordou temáticas relacionadas às várias faces das mulheres trabalhadoras da feira em seu cotidiano e as relações estabelecidas entre os sujeitos que permitiam inventariar os modos de vida, arte de fazer, ofícios, celebrações, o seu dia-a-dia e suas relações familiares.

O presente artigo destina-se a compreender as várias faces da atuação feminina. No tópico “A invenção de espaços da mulher”, discutiremos sobre as diferentes formas de trabalho das mulheres na Feira Central de Campina Grande-PB. Avaliaremos como essas mulheres conseguiam se firmar em um mercado de trabalho tipicamente masculino. Quais os impactos sofridos por elas, apesar das mesmas terem que estar nesse mercado de trabalho para contribuir e, até mesmo, manter a base salarial de suas famílias. No tópico seguinte, “Apresentação da feira como espaço de atuação feminina”, são delineadas as formas como essas mulheres conseguem organizar seu tempo, considerando que muitas delas são responsáveis pelos afazeres de seus lares. Por fim, em “Da casa para a feira: mães, esposas e feirantes”, busca-se compreender de que maneira elas conseguem dividir e organizar suas finanças, tendo em vista que algumas delas vivem do mercado informal, sem nenhum tipo de incentivo por parte do poder público. Assim, pretende-se viabilizar o confronto entre as identidades conferidas à imagem da mulher em meio ao comércio, com a dualidade “mulheres comerciantes e mulheres comerciárias”.

2. A INVENÇÃO DE “ESPAÇOS DA MULHER”

De acordo com Lya Luft (1999), a figura da mulher deveria ser dividida em três: a que corre para o trabalho, a que toma providência para com sua família e a que depois de tudo isso foge para descansar e contemplar o pôr do sol. Ou seja, a terceira mulher que simplesmente deixasse todo dia um tempo reservado para ela, para que ela pudesse sentada, olhar para trás e refletir sobre sua vida e seus afazeres, como se ela conseguisse dizer a si mesma, “enfim, missão cumprida”.

É, historicamente, interessante perceber que a expressão “as mulheres no mercado de trabalho”, traz as mais diversas formas de discriminação contra elas, o que perdura ainda nos dias atuais. Quando nos referimos ao termo historicamente, é preciso lembrar que essa é uma questão que atravessa os séculos, pois as mulheres sempre foram taxadas como seres inferiores, elas nunca foram reconhecidas como pessoas igualmente capacitadas para desenvolver atividades cotidianas que somente os homens pudessem desenvolvê-las.

Para Vannucchi (1999), isso faz parte também da cultura de massa, uma cultura superficial, padronizada e repetitiva que banaliza os prazeres, os sentimentos em detrimento aos valores sérios de uma sociedade. Nesse sentido, é essa mesma cultura que trata da mulher

como um ser que teria sua vida já pré-estabelecida, ou seja, devendo ser apenas a mulher que cuida da sua família e de seu cotidiano doméstico.

Desde o surgimento da humanidade, já existia distribuição de papéis diferenciados para homens e mulher. Desse modo, a divisão sexual do trabalho na família funciona no sentido de estabelecer o lugar dos homens e das mulheres não só na família, mas também na sociedade (OLINTO e OLIVEIRA, 2004).

Portanto, para Brito e Oliveira (1997 apud CARLOTO, 2002), a divisão sexual do trabalho não cria a subordinação e a desigualdade das mulheres no mercado de trabalho, mas recria uma subordinação que existe também nas outras esferas do social. Portanto, a divisão sexual do trabalho está inserida na divisão sexual da sociedade com uma evidente articulação entre trabalho de produção e reprodução.

Nesse sentido, as mulheres devem ser mais fortes e destemidas em busca de seu lugar no mercado de trabalho. A sociedade impõe, de certa maneira, situações que as deixam sem o seu devido reconhecimento na dita divisão sexual do trabalho, porém, atualmente é inaceitável dizer que as mulheres são apenas as “rainhas do lar³”.

Algumas tarefas foram culturalmente destinadas aos homens, enquanto outras rotuladas como atividades tipicamente femininas. A divisão sexual do trabalho sempre existiu nas distintas formas de organização social. Desde o surgimento da humanidade, já existia distribuição de papéis diferenciados para homens e mulheres e, com o passar do tempo, essa diferenciação tornou-se cada vez mais evidente, levando a uma mentalidade global de que os afazeres domésticos e os cuidados com os filhos são funções femininas, enquanto o papel de provedor do lar, responsável pelo sustento da família, através da realização de atividades econômicas, foi designado à figura do homem. Desse modo, a divisão sexual do trabalho na família funciona no sentido de estabelecer o lugar dos homens e das mulheres não só na família, mas também na sociedade. Afirmam os autores que:

Nas sociedades primitivas, as mulheres eram encarregadas das atividades que podiam ser desenvolvidas mais perto de casa e dos filhos, como cozinhar, confeccionar o vestuário, transportar a água, colher os frutos e moer os cereais dentre outras. Já os homens estavam voltados para as tarefas que tinham em comum o fato de serem desenvolvidas longe do ambiente doméstico, bem como também exerciam atividades que exigiam maior força física, como, por exemplo, cortar lenha, caçar, pescar, construir as casas. O ponto que cabe ressaltar é que as atividades desempenhadas pelos homens

³ É um termo construído, historicamente, segundo conceitos pejorativos sobre a mulher, que visa imputar a esta um local preestabelecido, com amarras intrínsecas de uma “essência” feminina.

eram sempre consideradas como as de maior prestígio, não importando quais fossem (OLINTO e OLIVEIRA, 2004).

As mulheres ainda são a maioria das responsáveis pelos afazeres domésticos. Isso ocorre em grande parte das famílias brasileiras, independentemente se elas realizam ou não atividades variadas. Muitas possuem duplas ou até triplas jornadas de trabalho, são profissionais e cumprem suas jornadas de trabalho diariamente.

Isso nos remete a greve que ocorreu na cidade de Dagenham, grande Londres, Reino Unido em 1968, retratado no filme *Revolução em Dagenham* (2010), onde pela primeira vez, na fábrica da Ford, as mulheres paralisaram suas atividades reivindicando, além de melhores condições de trabalho, uma equiparação salarial, tendo em vista que elas tinham a mesma carga de trabalho que os homens daquela fábrica.

Essa greve foi responsável pela lei criada em 1970, no Reino Unido, que teve como fundamentação defender a equiparação salarial entre homens e mulheres que exercessem a mesma função.

A tentativa de cooptar o movimento, pela burocracia sindical e patronal, também vem à tona. No entanto, são obstáculos superados pelo movimento grevista das mulheres que viajam por todo o estado e conseguem parar outras fábricas da Ford. Além disso, superam a burocracia sindical e conseguem o apoio de outros sindicatos e sessões sindicais dos trabalhadores da Ford que organizam uma greve nacional. O movimento assume caráter nacional, obrigando o Ministério do Trabalho, representado por uma mulher, a chamá-las para uma reunião.

Fizemos o uso desse fato histórico para mostrar como a mulher sempre buscou sua independência, seja no lado financeiro e até mesmo no pessoal. As mulheres retratadas nesse episódio da cidade de Dagenham, não tiveram uma alternativa se não a de irem buscar os seus reconhecidos direitos, através de um movimento grevista, que mobilizou tanto os ingleses como outros povos pelo mundo.

Nesse sentido, essa relação de poder que visa o estabelecimento do espaço das mulheres que vivem no meio comercial, está entre as inúmeras possibilidades que a Feira Central de Campina Grande – PB oferece a elas. Essas mulheres de Dagenham utilizaram os movimentos grevistas supracitados para terem seus direitos garantidos, como o seu reconhecimento em outras dimensões da sociedade. Assim, também as mulheres comerciantes da Feira Central de Campina têm os mesmos direitos que os homens que trabalham naquele mercado. Onde, entendemos que:

(...) a divisão sexual do trabalho não cria a subordinação e a desigualdade das mulheres no mercado de trabalho, mas recria uma subordinação que existe também nas outras esferas do social. Portanto, a divisão sexual do trabalho está inserida na divisão sexual da sociedade com uma evidente articulação entre trabalho de produção e reprodução. E a explicação pelo biológico legitima esta articulação. O mundo da casa, o mundo privado é seu lugar por excelência na sociedade e a entrada na esfera pública, seja através do trabalho ou de outro tipo de prática social e política, será marcada por este conjunto de representações do feminino (BRITO E OLIVEIRA, 1997, apud CARLOTO, 2002, p. 01)

3. APRESENTAÇÃO DA FEIRA COMO ESPAÇO DE ATUAÇÃO FEMININA

Na história da Feira Central de Campina Grande – PB, vimos às mulheres em sua labuta diária. Chamamos de “guerreiras” não somente as mulheres que trabalham de certa maneira na informalidade, mas também as mulheres empreendedoras que dirigem com muita seriedade verdadeiras empresas que ali estão estabelecidas.

As experiências de vida das personagens que vivem da Feira Central, que comercializam ou mesmo que trabalharam na feira por meio da valorização de suas memórias, permitiu os múltiplos significados simbólicos e identitários de narrativas de suas vidas, fomentando a formação de identidades sociais e coletivas.

Sendo assim, poderíamos dizer que esse tipo de preconceito faz parte de uma cultura implantada não somente nas formas de trabalho dessas mulheres, mas em outras tantas formas de trabalho desenvolvidas pelas classes menos favorecidas.

Poderíamos chamar de cultura de massa tais atitudes? Talvez. Uma cultura de massa, uma cultura superficial, padronizada, repetitiva, que celebra os prazeres banais, sentimentos, imediatos e falsos em detrimento dos valores sérios, intelectuais, tradicionais e autênticos, como afirma Vannucchi (1999):

Uma aceitação narcotizada da cultura de massa e das mercadorias vendidas como um substituto para as inquietantes e imprevisíveis (consequentemente instáveis) alegrias, tragédias, humores, mudanças, originalidades e belezas da vida real. Com efeito, as massas corrompidas há várias gerações pela cultura de massa, passam a exigir por sua vez produtos culturais triviais e confortadores.

Desta forma, parafraseando Vannucchi (1999), faz parte também da cultura de massas essas formas de discriminações ainda hoje tão repetitivas que trazem, para muitos, um prazer

quase que insuperável de tratar essas mulheres como simples criaturas que devem ser colocadas como seres inferiores perante as diversas formas de trabalho.

É notável que essa movimentação seja mais frequente junto às mulheres que, de certa forma, vivem do comércio informal, porém, observamos também que existem outras mulheres que não vivem do comércio informal, mas são proprietárias de casas comerciais e que necessariamente não precisam estar na Feira Central nas primeiras horas do dia.

Assim sendo, a partir dessas abordagens, percebemos o cotidiano desse espaço social onde essas mulheres estão inseridas, interagindo com outras pessoas, seja na venda, no poder de convencimento dessas feirantes, e na barganha, na “pexinxagem⁴”, arte desencadeada pelo freguês. Dessa forma, os espaços de sociabilidade da feira se constituem em um só, no entanto, as pessoas que por ali transitam, criam laços de amizade, além de frequentarem aquele centro comercial para fazer negócios variados, o que faz com que as feirantes tenham atitudes, e estratégias de sobrevivência neste mesmo espaço em que se encontram estabelecidas e coexistindo, através de relação estabelecida de vida social.

Para ARAÚJO (2006), a importância da feira se dá desde a comercialização dos produtos, à popularidade e diversidade daqueles que a frequentam, indo do “idioma a culinária”, apresentada por uma verdadeira exposição etnográfica e de riqueza de significados. Nesse contexto, essa autora faz uma breve referência às feiras, apontando a possibilidade de ser um espaço também para diversão, expresso em atmosfera festiva, associada a sentimentos e desejo e nostalgia ao comparar feiras antigas que “perdem” espaço para a modernidade e que sofreram algumas alterações quanto à originalidade.

Contudo, não podemos negar a possibilidade de interpretações variadas das relações pessoais e sociais estabelecidas no interior da feira, se assim fizermos estaremos negando a diversidade de olhares para com o lócus desta pesquisa no seu cotidiano.

Ainda me referindo as mulheres que estão inseridas na feira central, mas não são comerciantes estabelecidas dentro do contexto comercial, ou seja, conhecidas como sendo as trabalhadoras informais, devemos deixar claro que as mesmas estão nesse ambiente de trabalho levadas por sua situação financeira semelhante à de muitos trabalhadores brasileiros que buscam seu sustento na informalidade.

4. DA CASA PARA A FEIRA: MULHERES, MÃES, ESPOSAS E FEIRANTES.

⁴ Ato de barganha de preços, por parte do comprador, por produtos ou serviços prestados, com finalidade de baixar o valor ofertado inicialmente pelo vendedor.

Nesse tópico, veremos como as mulheres dividem seu tempo entre os afazeres domésticos e o trabalho na Feira Central. Para a maioria isso se torna uma tarefa árdua de todos os dias, porém, segundo elas, não há outra opção senão essa, pois precisam trabalhar para sustentar as suas famílias com o seu trabalho. Por isso, têm que enfrentar essas barreiras todos os dias.

As comerciantes que precisam estar mais cedo na feira nos disseram que, devido à movimentação de seus clientes que acontece durante as primeiras horas do dia, se faz necessário que elas, diferentemente das outras comerciantes, tenham que “madrugar” em seus pontos comerciais. O horário para chegar à Feira Central é um tanto desconfortável. Segundo elas, o maior receio é com os roubos e a violência, pois o horário para que elas consigam montar suas barracas deve ser o mais cedo possível, devido à movimentação de seus clientes e a concorrência com a qual se deparam todos os dias.

Muitas das quais, em seus depoimentos, relatam que o dia-a-dia é muito estressante porque elas têm que levantar muito cedo para organizar não só as mercadorias que levam para a Feira Central, mas também tem que deixar as suas casas prontas. Muitas deixam em casa seus filhos menores sob os cuidados dos filhos mais velhos. Outras que já tem filhos em idade entre 10 e 12 anos, já os levam para a Feira para que os mesmos ajudem no trabalho. Parte dessas mulheres que conversamos não tem um companheiro com quem possa dividir essas tarefas, cabendo a elas a missão de: mãe, pai e trabalhadora.

Esse é o caso de uma de nossas entrevistadas, a senhora **M.S.R.S.**⁵, 72 anos, divorciada, comerciante na Feira Central de Campina Grande – PB há 58 anos, proprietária de um restaurante, embora durante esse período de trabalho na Feira Central, não viveu apenas do restaurante, tendo passado por outras atividades comerciais. Mãe de 04 (quatro) filhos, todos adultos, disse que nunca precisou do pai deles para criá-los. A senhora M.S.R.S. nos relatou que é comerciante na Feira Central, primeiro porque sempre precisou e depois porque gosta do que faz. Ainda em seu relato, ela afirmou que, as maiores dificuldades no comércio é honrar os compromissos, pois trabalha muito e ganha pouco. Quando perguntada sobre o que mais lhe agradava em estar esse tempo todo ali, (Feira Central), ela me respondeu que, apesar de muitos problemas, tanto pessoais como comerciais, o que agrada a ela são as amizades que foram criadas durante esse tempo e que também não saberia viver em casa na ociosidade. Ela afirma também que além de ter conquistado clientes, hoje quase todos fixos, também fez grandes amigos. Quando questionada sobre rendimentos, disse que hoje devido há vários

⁵ As mulheres entrevistadas são representadas no presente artigo pelas iniciais de seus nomes, em vista à preservação de suas identidades.

fatores, dentre eles, as grandes cargas tributárias, ela chega a faturar, cerca de R\$ 500,00 por semana, tendo que completar o seu orçamento familiar com sua aposentadoria.

Conversei em outra parte da Feira Central com a senhora **M.S.A.M.**, 65 anos, casada, também comerciante, porém, em um ramo de atividade diferente da senhora entrevistada anteriormente, ela trabalha com estivas e cereais. Mãe de 03 (três) filhos, adultos, trabalha na Feira Central desde 1982, e o que a fez trabalhar na feira, segundo relatado por ela, foi porque não tinha outra profissão. Sobre as dificuldades encontradas ela, aponta que é para solucionar os compromissos financeiros, mantendo os pagamentos junto aos seus fornecedores. Apesar dessas dificuldades, ela diz gostar muito da sua profissão, pois a sociabilidade com as pessoas faz com que ela consiga manter o seu negócio. Essa questão da interação com seus clientes fez com que ela mantivesse um bom relacionamento com seus clientes, mas como ela mesma diz: “alguns deles não têm fidelidade para conosco”. A senhora **M.S.A.M.**, tem um rendimento de R\$ 100,00 a R\$ 500,00 por semana.

Dando andamento as nossas entrevistas, conversei com a senhora **M.M.G.L.**, 46 anos de idade, comerciante no ramo de estivas e cereais, casada e mãe de uma filha. A comerciante relatou que está nessa profissão há cerca de três anos, e que decidiu entrar no comércio da Feira Central para dar continuidade ao comércio deixado pelo seu falecido pai, que era comerciante há mais de 40 anos na Feira Central de Campina Grande. Com relação às dificuldades encontradas por ela nessa profissão, a mesma tem a mesma opinião das demais mulheres entrevistadas anteriormente, ou seja, conseguir honrar os compromissos em dia e as altas taxas tributárias. Quando questionada sobre o que mais lhe agradava, afirmou estar ali porque gostava e porque seria uma espécie de legado da sua família, ou seja, ela não queria acabar com todo um trabalho que teve início com seu pai, conforme mencionado. **M.M.G.L.** relatou ainda que a relação que mantinha com seus clientes era de muito respeito e cordialidade, pois nesses tempos difíceis para o comércio, ela precisava manter sua clientela.

M.M.G.L., não quis ser muito precisa quando falamos em seus rendimentos, mas ela me disse que variava bastante, mais uma vez, devido às inconstantes variações no mercado nacional.

Por fim, me deparei com uma situação interessante, consegui conversar com 03 (três) irmãs que tinham em comum a mesma profissão, elas são conhecidas como “verdureiras”. Trabalham negociando verduras frescas do dia, elas só estão na Feira Central apenas 04 (quatro) dias da semana. As irmãs, **T.M.S.L.**, **F.C.S.L.** e **M.A.S.L.**, com idades de: 46 anos outra com 40 e a última com 37 anos, sendo apenas duas delas casadas, uma têm (um) filho e a outra (dois) filhos. De acordo com o relato, trabalham na Feira Central, nesta profissão, por

necessidade e por não terem aprendido outra profissão. As irmãs compartilham do mesmo local de trabalho há cerca de 12 anos, e, igualmente as demais entrevistadas, elas reclamam do “fraco” comércio que acomete aquele mercado. Principalmente, porque elas vendem verduras, produtos que requerem uma atenção especial por serem perecíveis, que se depreciam de um dia para o outro, e com a forte concorrência das grandes redes de supermercados que há tempos se constituíram nos arredores da Feira Central. Quando perguntadas sobre o que mais gostam na sua profissão, elas foram unânimes em dizer que, apesar das dificuldades acima citadas, possuem o reconhecimento por parte dos seus clientes, visto que chegam cedo à feira para comprar as verduras frescas que elas comercializam. Quando começamos a falar em rendimentos, as mesmas diferem em suas informações, uma vez que cada uma cativa sua clientela, e nem sempre as compras se repetem com frequência em seu ponto de vendas. Isso faz com que elas não consigam manter uma faixa de rendimentos, pois isso varia de acordo o dia, segundo elas. Porém, as irmãs relataram que chegam a faturar cerca de R\$ 300,00 por semana.

No entanto, conclui que, a maior dificuldade encontrada por essas mulheres com as quais eu conversei, gira em torno de uma só, ou seja, para que elas consigam manter os seus comércios, seria preciso um maior incentivo por parte dos poderes públicos para aquele centro comercial. Esse incentivo seria em forma de menos cargas tributárias, visto que, se não fosse por parte também de sua espontaneidade e destreza em suas artes de negociar, elas não estariam mais na Feira Central.

Portanto, em um lugar que mistura cores, sabores e muitas tradições que remetem ao passado de Campina Grande, estão inseridas essas mulheres, donas de seus lares, lutando por uma vida digna, sem preconceitos e nem conceitos, elas só precisam viver e viver em “pé de igualdade” com os seus pares. A escritora e professora Lya Luft, colocou muito bem a questão dessas mulheres na qual descrevemos. “Seria preciso dividir uma mulher em três: uma que corresse para o trabalho, outra que tomasse providência para sua família, e uma terceira que escapasse para a beira do lago assistindo quieta ao pôr do sol” (LUFT, 1999).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho foi desenvolvido para mostrar a importância das atividades das mulheres inseridas na Feira Central de Campina Grande - PB, tendo em vista que elas desempenham diversas formas de trabalho naquele local e que lá existe uma pluralidade comercial muito

grande. Contudo, em vários estudos realizados por muitos interessados nesse espaço sociocultural, a pesquisa nos traz mais uma perspectiva acerca de muitas outras histórias da Feira Central, tendo as mulheres comerciantes como o ponto principal desse estudo empreendido.

Durante a pesquisa, foram catalogados os relatos das comerciantes da Feira Central por meio de entrevistas. Os depoimentos das mesmas foram de certa forma, muito parecidos, pois quando questionadas sobre as dificuldades comerciais que elas enfrentavam, as mesmas disseram que, os altos impostos e a falta de apoio por parte dos poderes públicos seriam a grande causa de suas insatisfações.

Giovanna de Aquino Fonseca Araújo (2006), Francisco Pereira Junior (1979), José d'Assunção Barros (2015), E.P. Thompson (1987) e vários outros aqui mencionados trouxeram sua marca para o desenvolvimento desta pesquisa, sob um olhar que por mais individual que fosse, confluía para um mesmo local, a Feira Central, que conta com culturas tão diferentes e por que não dizer, mescladas em um universo de muitas cores, sabores e muitos cheiros. A pesquisa sobre as múltiplas faces femininas no mundo do trabalho da Feira Central de Campina Grande – PB procurou de uma forma simples, porém elaborada sob um embasamento teórico firmado nos relatos dos autores supracitados, mostrar o quão é importante o trabalho das mulheres naquele mercado. Mais uma vez, é importante ressaltar que não houve o objetivo de fazer comparativos entre essas mulheres, e sim mostrar que as formas de trabalho desenvolvidas ali, não são, em hipótese alguma, uma exclusividade masculina.

Ainda no campo das entrevistas, destacamos o trabalho da professora Giovanna de Aquino Fonseca Araújo (2006), quando a mesma em sua pesquisa empírica fundamentou-se na metodologia da história oral, com a realização de entrevistas semi-estruturadas, revelando-se como fértil para compreender os feirantes e consumidores como sujeitos que constroem histórica e cotidianamente a feira.

Thompson avança na discussão lembrando que no decorrer de duas décadas esse foi o grande mote da “história oral” nos Estados Unidos, e que “A partir da década de 1970 este método foi vigorosamente revivido em relação à história dos índios, a história dos negros e ao folclore estendido a novos campos, tal como a história das mulheres” (THOMPSON, 2002, p. 89).

Portanto, esta pesquisa é apenas um feto em desenvolvimento, traz como base social o desenvolvimento de várias outras pesquisas relacionadas com as mulheres e as atividades a qual elas estão inseridas naquele ambiente.

Em sua pluralidade comercial e cultural, a Feira Central de Campina Grande, é sem dúvida nenhuma, um local que está inegavelmente enraizado na construção da história local do nosso município, e por que não dizer na construção historiográfica do nosso país, tendo em vista que o mesmo passou a ser merecidamente reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil.

ABSTRACT

Much has been said about the place of women in society because of the great progress of achievements that are being made through the feminine struggle, whether in the family sphere, with the re-signification of the notion of domestic duties, of maintainer, among others, or in the with the current struggle for equal rights, both salary and respect for professional ethics. Thus the present work problematizes the question of female imaginary construction and its crafts in the web composed of relations of power in the middle of the space of the Central Fair of Campina Grade - PB, as well, as it is the unveiling of female discourse in the midst of commerce, the influence of this discourse in the formulation of popular cultures, that is, of masses, coming from this milieu. In "THE MULTIPLE FEMININE FACES IN THE WORLD OF WORK OF THE CENTRAL FAIR OF CAMPINA GRANDE / PB" cultures are approached as common among individuals, and although they bear diverse representations, they are, in short, a medium common to men and women when inserted in a specific fabric of conviviality, as it is evoked in the work of Aquino, the idea of global forms of life and global forms of struggle, as proposed notions of one individual over the other, in order to homogenize women to define them while the "other", the unwanted body (ARAÚJO, 2006). This sense is replaced by Thompson's notion that the relation between individuals is built on the perception of classes by their historical content, similarities and distances (Thompson, 1987). The hard core of this work revolves around the oral source, when, through the use of interviews provided by women, participants in the trade fair of the Central Fair, a study is made of the discourse of these women, how they are perceived in the context of the aforementioned space, and of how its active female representation is expressed, and, impregnates diverse meanings in the family and social environment. Through this study it is possible to know the ways in which women traders of the Central Fair reconstruct daily their images before the pragmatism inferred about them and their productive capacity.

Keywords: Entrepreneurial Women. Cultural Heritage. Local History.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. **Múltiplos discursos sobre a feira de Campina Grande**. Agenda. Editora, 2006

BARROS, José D`Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. 10. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

CARLOTO, Cássia Maria. **Gênero, reestruturação produtiva e trabalho feminino. Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 4, n. 2, p. 201-214, jan./jun. 2002, p. 01

LUFT, Lya. **O Ponto Cego**. São Paulo: Mandarim, 1999.

OLINTO, Gilda; OLIVEIRA, Zuleica Lopes Cavalcanti de. **A Inserção no Trabalho Segundo a Condição na Família: dados da PNAD 2001 para o Brasil urbano**. 2004. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/download/mulher/2004/artigo2.pdf>> Acesso em: 22 de julho de 2018.

PEREIRA Jr, Francisco. **Feira de Campina grande - um museu vivo da cultura popular e do folclore nordestino**. CG. Editora Universitária, 1979.

REVOLUÇÃO em Dagenham: Nigel Cole. Produção: William Ivory. Elenco: Rosamund Pike, Miranda Richardson, Sally Hawkins, Bob Hoskins, Richard Schiff. Duração: 113 min. Ano: 2010. País: Reino Unido.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. "**Territórios promíscuos**": a feira de Campina Grande (1920-1945). Vivência (Natal), Natal - RN, v. 29, p. 289-304, 2005.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro – RJ: Paz e Terra, 3ª Edição, 2002.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**. Vol. 1, 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, p. 204.

VANNUCCHI, Aldo. **Cultura Brasileira**. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p 63-67.

ANEXO – FOTOGRAFIAS.

Acervo pessoal de Luíra Freire Monteiro (2001)



Acervo pessoal de Luíra Freire Monteiro (2001)



Acervo pessoal de Luíra Freire Monteiro (2001)



Acervo pessoal de Luíra Freire Monteiro (2001)